

LA CARTE
Vera Ribeiro de Carvalho
(você poderá ver a explicação desse título [clikando aqui](#))
Essa primeira coluna do “clique aqui” saiu neste site em 21/08/2009

REMINISCÊNCIAS ESCOLARES (PARTE II)

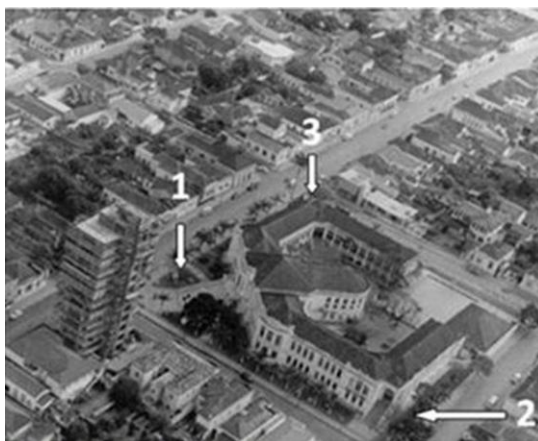
CONTINUAÇÃO



Vamos continuar... começando de novo pelo fim (da coluna anterior! rrsrs!).
Postei esta foto paraa explicar a nova etapa escolar da minha vida, o curso...

GINASIAL

... que, como expliquei, hoje é chamado de EnsinoMédio.

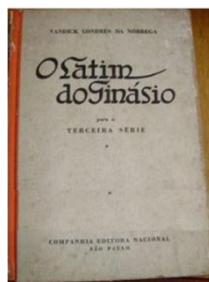


1) a entrada principal, repetida na terceira foto (colorida), majestosa... mas que nós, alunos, só usávamos para tirar fotos. Eram os “coitados dos pais” que tinham que subir para matricularem seus filhos naquela recepção mostrada acima... 2) a “nossa entrada” – do outro lado da “grandona”, por onde nós, do “primário”, entrávamos. 3) praticamente na rua de cima, uma tereira entrada por onde entrariam os alunos do “ginásio” e “segundo grau”.

*Era para essa ala que eu iria me mudar... para fazer o “segundo grau”.
Mas isso já é uma outra história...*

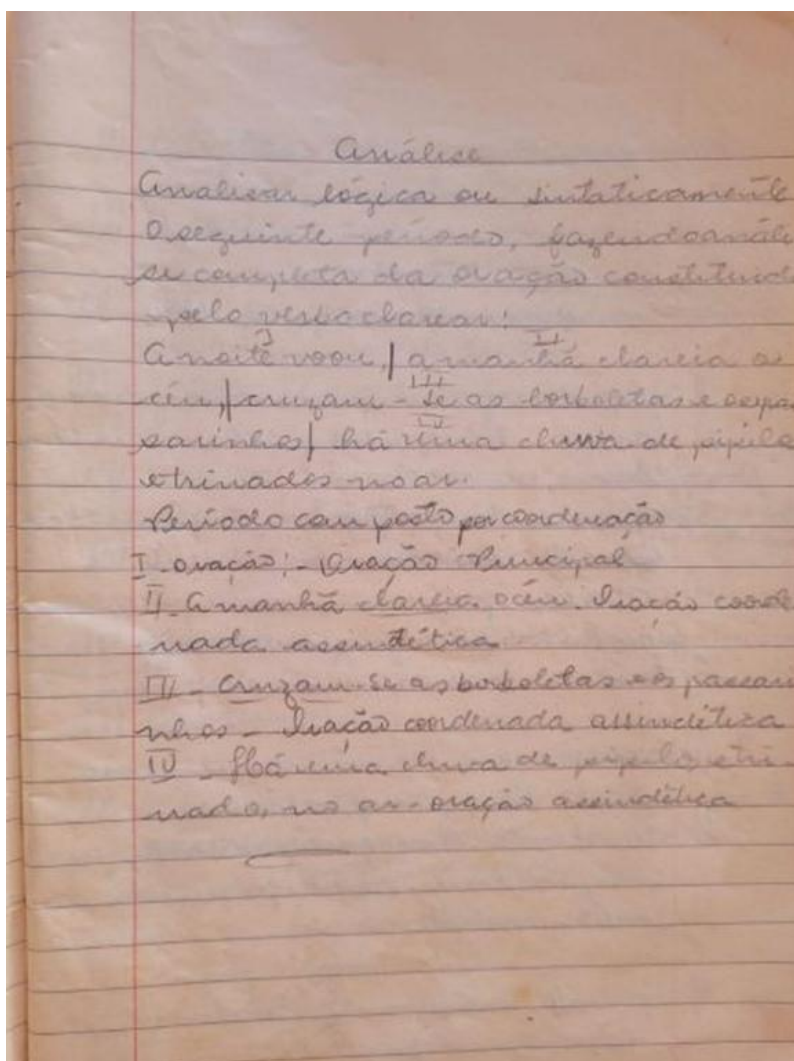
E aqui começa a “outra história”...

Uma coisa que de cara pode chocar a quem não sabe... é que estudei Latim (!!!) e Francês, além do Inglês que há até hoje (acho. A coisa mudou tanto que tenho insegurança nesse assunto...). Alguns colégios ofereciam também o Espanhol (que não foi o caso da minha. Mas meu pai colecionava uma série de livrinhos de “cowboy” escritos em castelhano, e isso me ajudou muito!).



Francês e Inglês vá lá... mas Latim, eu só fui entender melhor quando fui para o segundo grau (hoje Ensino Médio), porque aí eu já sabia análise sintática “de trás pra frente”, o que é fundamental para se entender Latim. (e que hoje, infelizmente, quase não se trabalha nas escolas. Colocar uma frase na ordem direta é um verdadeiro “mistério” para os alunos de hoje (coisa que era “fichinha” para quem se exercitava fazendo isso nos versos de Os Lusíadas, o que era comum na época. (Alguns ex-alunos meus talvez até se lembrem de que eu trabalhava um pouco disso...). Essa “análise sintática” era ensinada desde o ginásial até o Segundo grau.

Vejam a prova:

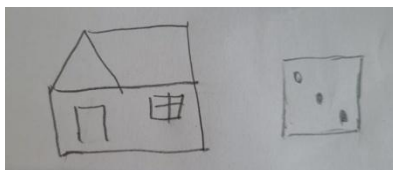


Minha letra só iria melhorar no segundo grau, no curso “Normal”, que era como se chamava o hoje “Magistério”. Afinal, íamos ser professoras...

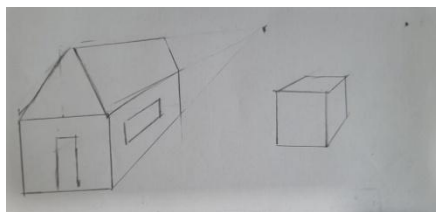
Tínhamos também Desenho e Trabalhos Manuais (separados. Hoje se chama Educação Artística e... sinceramente? Cada professor “puxa a sardinha” para o lado preferido (quero dizer que se gosta mais de desenhar, capricha na quantidade dessas aulas... se gosta mais de bordar, vai mais por aí... e assim por diante. Se isso mudou hoje, por favor minhas colegas em atuação, me corrijam!).

Desenho não era qualquer “desenhinho”, não! O inesquecível professor Mozart Melo (acho que era esse o sobrenome) ensinava coisas incríveis! Hoje, me vendo às voltas desenhando com e para minha neta mais nova, é que vejo a noção que tenho.

Foi graças a ele que minhas casinhas e meus dadinhos deixaram de ser assim...



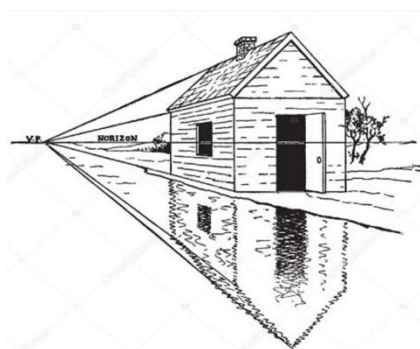
... para serem assim (ele com seus ensinamentos sobre perspectiva... seus “pontos de fuga”... Ih! Tanta coisa!).



Evidente que desenei agora, correndo”, sem capricho nenhum. Mas, na segunda foto, deixei dois pontinhos para que percebam o meu ponto de fuga...

... que nada mais é do que “um conceito utilizado em desenho e pintura para criar a ilusão de profundidade e perspectiva em uma imagem. Ele é um ponto imaginário para onde convergem todas as linhas paralelas que se afastam do observador, criando a sensação de que o objeto retratado está se distanciando no horizonte.”

Aqui acho que dá para entender melhor:



Com um ponto de fuga – é como se à esquerda houvesse um pontinho para o qual foram direcionados os pontos das quinas da casa



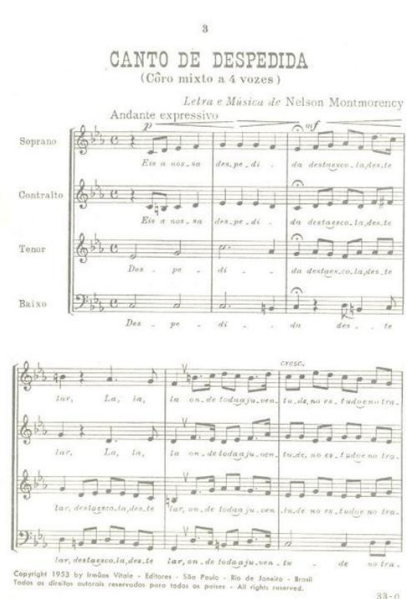
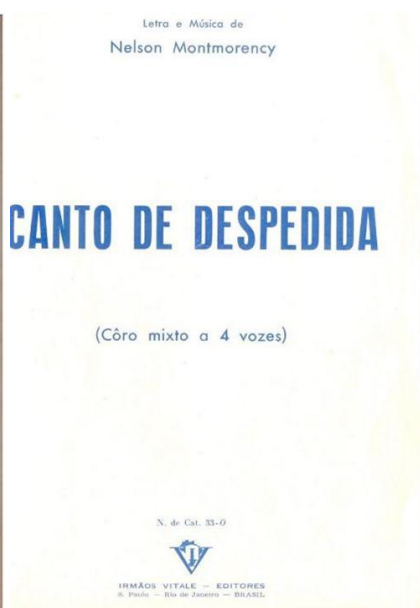
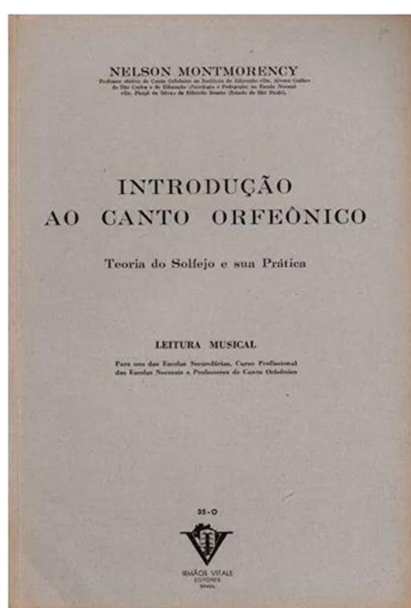
Com dois pontos. A mesma coisa, agora dos dois lados.

Nosso professor era muito amado. Foi um choque quando chegou a notícia de sua morte por acidente. Eu estava em frente à nossa escola, na calçada daquela escadaria, e havia um ipê amarelo

florido. Até hoje associo os ipês amarelos com a morte dele. Fiz uma poesia em sua homenagem, que publiquei no jornal em que escrevia. Vou ver se acho... *(horas depois: não achei. Desde que meu marido se foi que minha vida virou de ponta-cabeça... Se fosse na “minha” casa, eu saberia exatamente onde procurar. Mas aqui... muita coisa ainda está encaixotada por falta de espaço para guardar. Garanto que quando eu não estiver procurando, ela vai aparecer...)*

Tínhamos também uma das matérias que eu mais amava: Canto Orfeônico, com o magnífico professor Nelson Montmorency (foi aí que descobri que eu sou segunda voz (contralto) e peguei definitivamente amor pela música cantada).

Meu professor era chiquérrimo! Competente, exigente... amava o que fazia . E mais: era autor dos livros que adotava! Além disso, era compositor também.



Era um grande homem (além de um homem grande...). Eu não tenho fotos do ginásio dos nossos ensaios e apresentações, mas segue uma já no segundo grau:



Ele está sentado... “tá” bom que não estou pertinho... mas ele, sentado, era quase do meu tamanho! Kkk! (Acharam? Sou aquela à esquerda de preto e – claro! – um colarzinho...).

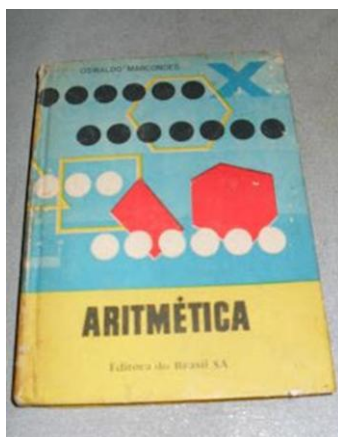
Só pra constar... aquele garoto quase encostado ao piano, de gravata, foi meu primeiro namorado. Só que isso fugiu àquela máxima que diz que “o primeiro namorado a gente nunca esquece...” Pois eu não esqueço até hoje o meu terceiro e último “namorado”!

Tem uma coisa que me intriga até hoje... (tenho certeza de que os alunos do grupo do face da nossa escola que foram meus contemporâneos vão rir de mim!). O professor dava uns “ditados” que era para irmos anotando em uma pauta, no caderno. Porém não eram palavras. Eram notas, mas... representadas por toques que ele dava na mesa com lápis ou caneta. Ele batia: um toque – e o pessoal anotava uns “bolinha” na pauta. Dois toques! Idem. Mas eu... ficava olhando. Não entendia “lhufas”! kkk! Acho que perdi a aula explicativa...

Não sei como fui parar no orfeão. Acho que ele fazia testes, mas eu não me lembro... (também... quantas décadas já se foram?).

Estimulada pela grata experiência no orfeão, fui fazer parte do coral municipal, regido pela inesquecível Diana Cury...

As aulas de Matemática eram chamadas de Aritmética.



Estudávamos Geometria e, para isso, eram indispensáveis duas coisas com que os alunos de hoje nem sonham: o transferidor e o compasso!



(Transferidor é o arredondado...)

Tínhamos aula de Religião (sinceramente, lembro mais das do primeiro ano do segundo grau, em que havia um padre “moderninho”... que na hora certa eu conto!).

Português era dado por uma professora super competente: D. Lucila. Exigente que só ela! Entrava na sala – tínhamos que ficar em pé. Ela parava lá na frente... olhava bem séria todas as filas e

dizia sempre: “Direitinhas... retinhas...” (ou coisa parecida). “Podem sentar-se!”. Levava muito a sério seu trabalho. Lembro-me das aulas de “Reprodução” (hoje nem sabem o que é isso...): ela lia uma história e tínhamos que reproduzi-la por escrito. Parece besteira, mas ajudava muito! As redações eram comentadas... tínhamos que passá-las a limpo. Eu sempre me saía bem nisso, pois sempre gostei de escrever (será porque meu pai era jornalista?...). Gramática... análises sintáticas – ela era craque! Acho que trouxe muito dela para a minha prática...



Não lembro se o livro era exatamente esse... mas dessa autora em me lembro com certeza!

No mais, as disciplinas “normais”: História, Geografia, Ciências...



Eu tenho registrado aqui não sei se os livros certos... mas peguei aqueles cuja capa me despertavam alguma lembrança...

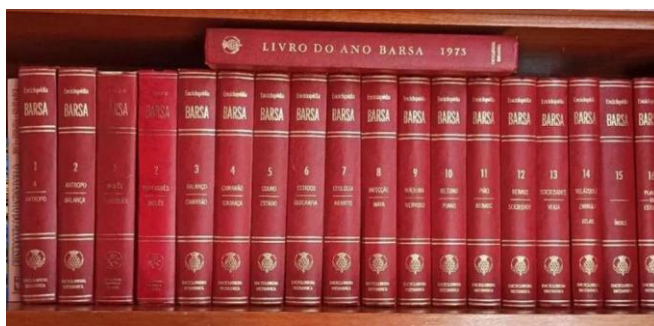
Neste ponto, minha memória se embaralha um pouco... Por ter estudado sempre lá, muitas vezes os professores eram os mesmos no segundo grau. Então os nomes que vou citar ... não “ponho a mão no fogo” de que foram só do ginásio. E se foram mesmo do ginásio ou do segundo grau...

O professor Caron (ou Karon?), de História, era um gênio! Ele não sabia só o que os livros traziam. Contava coisas que mostravam que ele amava o que fazia. Aprendemos muita coisa “extra” com ele.

A professora Flotilde, de Geografia, me fez gostar um pouco mais daquela matéria de que eu não gostava muito. Tenho uma triste passagem com ela para contar... mas... só no segundo grau!

O professor Coaraci, de Ciências, também sabia o que dizia... mas confesso que tem uma aula dele de que nunca me esqueci – pelo mal que me fez. (Não que ele tenha feito por mal, mas a maneira como falou marcou negativamente a minha vida ded mulher! Nem vou contar para não ficar com mais raiva disso...).

Outra coisa interessante era o “Google” dos estudantes daquela minha geração. “O nosso “Google” se chamava “Barsa”. Pesquisar antigamente não era uma tarefa fácil. Qualquer trabalho escolar exigia uma visita a uma biblioteca, horas e horas de pesquisa e depois, tudo escrito a mão, geralmente numa folha de papel almaço. Para facilitar a vida dos estudantes, existiam as enciclopédias: coleções de livros enormes, geralmente abrangendo uma grande gama de conhecimentos gerais.”



Barsa - Na minha mudança, doeí uma dessas...



Enciclopédias. Essa Conhecer eu tinha. A Delta Júnior não, mas consultava em Bibliotecas.

Existia a “segunda época” (prova escrita), realizada quinze dias antes de começar o ano letivo do ano seguinte, de modo a dar chance de ainda passarmos de ano. Quem não se dedicasse aos estudos, não passaria.

Bom... é do que me lembro...

Mas não posso terminar esta etapa sem revelar uma coisa que garanto que vai deixar muita gente de boca aberta... 🤔🤔🤔

Eu fiz as minhas quatro séries do ginásio em... SETE anos!

“Como assim? Reprovou?”

Reprovei. Mas tem explicação. Eu sempre fui rebelde e tinha muitos problemas de relacionamento com minha mãe. De verdade. Coisa que me marcou demais e só fui resolver isso depois que entrei em contato com terapias alternativas e consegui, finalmente, entendê-la e perdôá-la. Mas isso me fazia agir de uma forma irracional, que só me daria prejuízos.

Por exemplo: não tínhamos empregada. Pelo justo e certo, eu deveria arrumar meu quarto e minha cama.

Quem disse? Tinha o maior prazer em vê-la furiosa comigo porque deixava tudo “uma zona”!

Tirar notas baixas, então, era a glória para mim. Eu só sentia um pouco porque

acabava decepcionando meu pai também – com quem eu me dava muito bem. Mas, por conta dessas reprovações, uma vez ele me deu um castigo de que nunca mais me esqueci. Até hoje carrego comigo a frustração de ver o que eu vi: eu tinha uma vasta coleção dos gibis do Walt Disney, que guardava numa caixa que cabia atrás do meu guarda-roupas. Um belo dia, ao ver minhas notas, ele foi lá e foi rasgando um por um na minha frente – e eu chorando e gritando desesperada. Só sobraram alguns...(depois de casada fiz outra coleção que meus netos aproveitaram. Guardei alguns que minha neta mais nova aproveita até hoje).

Quando cheguei na terceira série do ginásio, conheci o Wanderley. Pessoa séria que, depois que começamos a namorar, foi me conscientizando da besteira que eu estava fazendo com minha vida... Resultado: na quarta série passei em primeiro lugar! rrsrs! E dali para a frente, só me dei bem...

“Tá” explicado...

Na próxima coluna, o final da minha “saga escolar” (a não ser que eu resolva contar também a “saga da faculdade”... Sabem que seria “uma boa”? Vou pensar...).

<https://www.livroseopiniao.com.br/2024/06/como-eram-as-escolas-de-antigamente.html>



Dr. Eduardo M. Otani
CRM: 7668

www.otani.med.br

Atendimento Geral
Cirurgia Geral
Endoscopia Digestiva Alta

HOSPITAL
SANTA MARIA

Calmantes são necessários e fazem bem quando bem indicados. Não criam dependência química - eles não são drogas, são remédios.



EU QUEM AGRADEÇO

OU EU QUE AGRADO?

@SUPERMAPASMENTAIS

AS DUAS FORMAS ESTÃO
CORRETAS

EU QUEM
AGRADEÇO!



EU QUE
AGRADEÇO!



“Tenderam”? rrsrsr! Mandem suas dúvidas!



Começou a PONTA DE ESTOQUE da CHARME!!! Vai até dia 14/03. Está liberada com os melhores preços e oportunidades imperdíveis. É a chance de garantir peças incríveis com valores especiais. PAPETES/SANDÁLIAS/RASTEIRAS, somente 49,90, no prazo!!! E muito mais: camisetas, bermudas, saias, calças, blusas, tênis... enfim... Praticamente TUDO!!! Corra para a CHARME porque vai acabar rápido! 🏃🏃🏃🏃





Hoje a “dona” desta parte é a amiga Ana Pacanhan. Vamos ver o que tem para nos contar?



Ana Pacanhan

Betovem é filho de Bass Hard com vira lata. Ele é macho, tem 7 anos. A mãe dele era minha e faleceu há 3 anos de câncer.

Tenho também o gato Maroka, que adotei e castrei há 3 anos; eu resgatei do parque abandonado. Adotei logo depois que a Jamaica morreu. Ele é macho e está comigo dentro de casa.

Por fim, a Negona, que já é idosa. Adotei-a também. Peguei-a na rodovia de Mamborê. Ela vivia na rodovia perto de Mamborê e quase morreu atropelada. Trouxe-a pra casa há um ano e meio.

Pensa no amor que recebo! Não tem explicação!

Só Betovem que criei na mamadeira, por isso é ciumento demais.

Tem passeio todo dia – com um de cada vez.



Jamaica, mãe do Betovem.

Betovem engoliu um osso de frango. Furou o intestino. Passou por cirurgia, ficando 15 dias internado. Quase morreu!
Hoje nenhum deles come ossos.



Betovem



Maroka



Negona



Maroka e Betoven



Um pouco de mim...



#10 No Beat Cast | Vera Carvalho

@veraribeirodecarvalho

OI, GENTE! PEÇO LICENÇA PARA DIVIDIR, COM QUEM ACASO SE INTERESSAR, UMA ENTREVISTA FEITA COMIGO - VIA PODCAST, COMANDADO PELO PC JÚNIOR E SUA IRMÃ GABI (A QUEM AGRADEÇO DE CORAÇÃO POR SE LEMBRAREM DE MIM). FOI FEITO NO DIA 23/08 DESTE ANO. É UM POUCO LONGO... BOM PARA VER AOS POUCOS... NAS HORAS DE FOLGA... COISAS SOBRE MIM QUE APOSTO QUE VOCÊS NUNCA OUVIRAM FALAR! 🤔😄. SEQUE O LINK ABAIXO:

<https://youtu.be/KsMsLRame3w>



ÓTICA E RELOJOARIA ORIENT, à Av. Daniel Portela, 694. Fone 35221881 ou 9829-6116

Você tem certeza?





A decepção do companheiro de Zeca aconteceu:

- a) por causa da ambiguidade da palavra “nu”;
- b) porque ele não gostou do nu que Zeca estava pintando;
- c) por causa da ambiguidade da palavra “pintar”;
- d) n.d.a.

[Clique aqui e veja a resposta da questão](#)

